

DO WASHINGTON POST

Neste editorial, o jornal fala do perigoso desânimo que assola Brasil e Argentina.

"Nesta década a democracia retornou à América do Sul, numa mudança de imensas promessas para o hemisfério. Como a Argentina e o Brasil eram os casos de maior importância, é preocupante que uma profunda sensação de desordem e declínio tenha se apossado dos dois países. Esta desilusão ainda não é irreversível, mas a direção que os fatos estão tomando está longe de ser tranquilizante.

A inflação está aumentando novamente de forma vertiginosa nos dois países, causando uma erosão nos seus governos. Ambos já desenvolveram planos anteriores para estabilizar suas moedas. Ambos fizeram maus compromissos com a finalidade de melhorar seus índices de popularidade antes de recentes eleições. Nenhum destes países está conseguindo, no momento, conter as pressões inflacionárias geradas por estas campanhas eleitorais. Suas dívidas externas agravam os problemas atuais, mas não são a causa deles.

A situação do Brasil é particularmente difícil, uma vez que as suas dificuldades econômicas são ampliadas pela incerteza constitucional. O processo de escrever a lei básica

do País se transformou numa amarga disputa entre o presidente José Sarney e os seus adversários, muitos dos quais são membros do seu próprio partido. Eles querem que eleições sejam realizadas no próximo ano, para retirá-lo do cargo da maneira mais rápida possível. Sarney, de forma bastante compreensível, deseja um mandato mais longo. Em meio a este combate, as perspectivas para uma política econômica poderosa e plausível têm diminuído cada vez mais.

O presidente argentino, Raul Alfonsín, infelizmente perdeu a sua maioria no Congresso nas eleições de setembro e agora, com força diminuída, está-se esforçando para dar novo vigor a planos que anteriormente estavam funcionando bem. Nos dois países, o dilema é o mesmo. Para controlar a inflação, os governos são obrigados a adotar medidas dolorosas. Eles precisam abrir mercados até então protegidos. Eles precisam reduzir ou liquidar as empresas estatais, com enormes excessos de funcionários, que se desenvolveram durante décadas de patrocínios políticos.

Eles precisam aumentar os impostos. Todos estes remédios necessários estão sendo, como seria de se esperar, veementemente combatidos pelas pessoas ameaçadas por estas medidas.

Os norte-americanos encontram-se em uma péssima posição para oferecer conselho, uma vez que o presidente Reagan e o Congresso dos Estados Unidos acabam de demonstrar a sua própria incapacidade de fazer este mesmo tipo de ajuste, se bem que numa escala muito menor do que a necessária no Brasil ou na Argentina. Nestes dois países, a inflação voltou a ter três dígitos — e os ambientes políticos dos dois países as forças militares continuam tendo uma presença influente e sombria. Mas também existe certa semelhança infeliz entre estes dois países e o nosso. Nos três, as exigências econômicas são claras e os sistemas políticos se recusam a enfrentá-las como seria necessário. Destes três países, convém observar, é a Argentina que no momento está realizando a tentativa mais séria para recuperar o seu equilíbrio econômico".